

FESTA DE CASAMENTO SEM O NOIVO, É POSSÍVEL?



"Preste atenção! Estou à porta e bato. Se você ouvir minha voz e abrir a porta, entrarei e, juntos, faremos uma refeição, como amigos"
(Apocalipse 3.20 – Nova Versão Transformadora)

Todos nós já participamos, pelo menos uma vez na vida, de uma festa de casamento – seja como padrinhos, como convidados ou, até mesmo, como legítimos “penetras”. E toda festa de casamento tem suas peculiaridades. Algumas simples. Outras mais sofisticadas.

Mas em todas elas há algo em comum: a presença dos noivos. Diante desse pressuposto, passemos a excogitar a possibilidade de haver a seguinte cena:

Há uma festa de casamento em andamento. Nela, estão presentes: os organizadores do evento, os padrinhos, os demais convidados, os músicos, os garçons, os recepcionistas, os manobristas e claro... os noivos!

Durante a festa os convidados se divertem, conversam uns com os outros, saboreiam quitutes e aperitivos servidos pelos garçons, elogiam o vestido da noiva e, entre um momento e outro, fazem pausa para a famosa sessão de fotos. Tudo previamente organizado. Todo o ambiente segue embalado pela harmonia das músicas tocadas no local. A noiva demonstra estar muito feliz com o evento e busca desfrutar cada segundo do momento “mágico” que vivencia. Portadora de um vestido reluzente, perto dela até a figura do noivo fica em segundo plano. Justamente por ficar em segundo plano, o noivo decide, no meio do festejo, se ausentar da festa por longo período de tempo. A ausência dele não é notada pela noiva e nem percebida pela maioria das pessoas presentes no local. Mesmo com a ausência do noivo a comemoração do casamento transcorre normalmente.

A festa, então, chega ao final. Os convidados se despedem da noiva e deixam “lembranças” ao noivo que, só naquele instante, retorna ao evento. A noiva agradece os cumprimentos. Depois de algum tempo, se retira do local tranquilamente ao lado daquele com o qual irá partilhar o restante de sua vida.

A ausência do noivo na festa parece absurda, não é mesmo? Mas, infelizmente, é o que acontece em muitas igrejas com o chamado “culto cristão”. Sem a intenção de generalizar, pois tenho consciência de que existem algumas exceções, assim como ocorreu na festa fictícia citada acima, há muitas noivas (igrejas) que festejam seus casamentos (alianças) sem se preocuparem com a presença do noivo que é Cristo.

Ainda que não tratemos de uma festa de casamento específica ou de uma igreja em particular, veja só como – ainda que hipoteticamente – é possível o paralelo entre uma festa de casamento e um culto chamado “cristão” (mesmo que seja sem a presença do Cristo):

Assim como em uma festa de casamento há músicos, garçons, recepcionistas, manobristas, organizadores do evento, padrinhos, convidados e a noiva; nas igrejas nós temos: os músicos (equipe de louvor), os garçons (diáconos), os recepcionistas (introdutores), os manobristas (guardadores de carros), os organizadores do evento (dirigentes de culto), os padrinhos (membros da diretoria), os convidados (membros comuns) e a noiva (igreja como um todo).

Assim como em uma festa de casamento, tudo o que ocorre durante o culto já foi pré-determinado pelos organizadores (dirigentes de culto). Toda ação litúrgica já foi pré-estabelecida. Não há espaço, permissão ou liberdade para improvisos – ainda que sejam por parte do Espírito Santo. Quase tudo ocorre de forma mecânica, artificial, engessada.

Assim como em uma festa de casamento, os músicos (equipe de louvor) simplesmente cumprem o seu papel. São profissionais. Não importa a eles se, aquilo que cantam ou tocam alcança o coração dos que ouvem. Simplesmente cantam e tocam o que lhes ordenaram. Não há preocupação em serem verdadeiros canais para que a glória do Senhor se manifeste. Ainda mais porque, a maioria deles (para não dizer “todos”), não recebe “cachê”.

Assim como em uma festa de casamento, os convidados (membros comuns) na maioria das vezes não se importam com aqueles que lhes servem à mesa. Dificilmente os membros olham o garçom (diácono) nos olhos, vendo-o como irmão na fé. Antes, estão preocupados apenas se estão ou não sendo “bem-servidos”. Desgostosos com o tipo de tratamento que lhes é dispensado, muitos garçons (diáconos) fazem o serviço com má vontade. Outros, só atendem bem aqueles de quem podem receber, futuramente, alguma “gorjeta”, isto é, a realização de um favor especial.

Assim como em uma festa de casamento, os recepcionistas (introdutores) não recebem tratamento com a dignidade que merecem. Cumprimentam a todos. Mas não são por todos cumprimentados. Estão ali para auxiliar (são facilitadores), mas a despeito disso, muitas vezes são vistos como empecilhos, exemplo de pessoas chatas, inconvenientes.

Assim como em uma festa de casamento, os manobristas (guardadores de carros) zelam pelo patrimônio alheio. Ora orientam, ora auxiliam. Normalmente são os primeiros a chegarem e, quase sempre, uns dos últimos a saírem. Por causa da concentração necessária para o exercício de sua função, deixam de participar da festa (culto) – lhes restando apenas o sentimento de satisfação por haverem cumprido bem o seu papel.

Assim como em uma festa de casamento, os organizadores (dirigentes de culto) são responsáveis pelo o que acontece no evento. Em busca da perfeição, muitas vezes eles se tornam

insensíveis para com aqueles que estão ao seu redor. Não raramente tomam atitudes e decisões que desagradam, não só os convidados da festa (membros comuns), como também o Noivo (Cristo) que, desde sempre, expressara o Seu desejo, a Sua vontade. Em alguns momentos são capazes de tudo para cumprir o cronograma do culto – até mesmo “matar” a liberdade que o evento em si mesmo pode produzir. Fazem as coisas de acordo com a própria vontade – e não a do Noivo. Esquecem-se muitas vezes que a festa (culto) não é deles e nem para eles.

Assim como em uma festa de casamento, os padrinhos (membros da diretoria) estão acostumados com lugares privilegiados e de destaque. Exigem ser tratados com regalias e fazem questão de sempre ocupar os melhores lugares. Muitos atraem para si atenção que nem o Noivo (Cristo) que é digno de toda honra e toda glória conquista. Por julgarem estar “degraus” acima dos outros convidados (membros comuns) da festa (culto), se intrometem em assuntos que não lhes dizem respeito. Como se não bastasse, ainda cobram de todos a primazia nos serviços oferecidos durante o evento.

Assim como em uma festa de casamento, alguns convidados (membros comuns) nutrem pouca simpatia pela noiva (igreja como um todo) e pelo Noivo (Cristo). Ao contrário, criticam desde a roupa dos noivos até a maneira como é realizada a festa (culto). Estão no evento (culto) apenas para usufruir do que nele há. A intenção deles é apenas receber, subtrair, sugar. São pessoas que possuem o coração cheio de egoísmo e vaidades pessoais; suas mãos estão vazias, de forma que nada tem para presentear (ofertar) ao Noivo (Cristo) – nem mesmo uma parcela do seu corrompido coração. É gente que só se interessa em TER ao invés de SER.

Assim como em uma festa de casamento, a noiva (igreja como um todo) está notavelmente deslumbrante em seu vestido nupcial. Por onde passa ela atrai a atenção dos convidados. Sua aparência angelical contagia a todos. Para eles, a noiva é sacrossanta e perfeita. Mas toda essa aparência – se não fizer jus à realidade do dia a dia – não resistirá por muito tempo. No relacionamento da noiva (igreja como um todo) com o Noivo (Cristo) não haverá espaço para máscaras ou papéis teatrais. Ele não se relacionará com uma PERSONAGEM, mas com uma PESSOA com a qual firmou uma “aliança eterna”.

Assim como em uma festa de casamento, é muito fácil o Noivo (Cristo) passar por despercebido em Sua própria festa. Não raro, em uma festa de casamento as atenções são quase que voltadas exclusivamente para a noiva e para os alimentos consumidos no local. Da mesma forma, muitas pessoas quando estão na igreja prestam mais atenção à pomposidade ou fealdade do local, do que para a razão delas estarem ali: a presença do Noivo (Cristo). Não deixam de notar um mínimo detalhe da indumentária da “irmã” e nem a forma de se portar do “irmão”. Mas se esquecem dAquele a quem deveriam homenagear.

Assim como em uma festa de casamento os convidados são coagidos, pelos “representantes” do noivo, a pagar altos valores por um simples pedaço de gravata – para não ficarem com má imagem diante dos outros convidados – da mesma forma na igreja os “representantes” do Noivo (Cristo) se julgam no direito de soffrear e obrigar os membros a pagarem altos valores por um “pedaço” da bênção do Noivo. Caso contrário, os que não contribuem – por livre e “espancada” vontade – são expostos e ridicularizados publicamente, além de ficarem com a imagem de cépticos diante dos demais membros.

Poderíamos permanecer nessa linha de pensamentos e citar ainda muitos outros paralelos entre uma típica festa de casamento e alguns cultos chamados de “cristãos”. Afinal de contas, não há limites para a natureza decaída do homem pós-moderno que há muito tempo deixou de ser guiada por Deus.

O resultado dessa falência de paradigmas espirituais é que, festa (culto) sem a presença do Noivo (Cristo), não passa de ritual religioso. Existe o ajuntamento solene, mas o mesmo ocorre sem propósitos. Onde o Noivo (Cristo) é tido como descartável, toda solenidade é tida como vã.

Sem Cristo, toda a ambiência produzida no local de culto só serve para que as pessoas, presentes ali, se enganem e sejam enganadas. Em muitos cultos poderá haver músicas lindíssimas, iluminação excepcional, liturgias bem elaboradas e, ainda assim, não será possível disfarçar a ausência do Noivo (Cristo). Nada que fizermos poderá embaçar a visão dAquele que sonda as reais intenções do nosso coração. Foi o próprio Deus que asseverou:

"O que os faz pensar que desejo seus muitos sacrifícios?, diz o SENHOR. Estou farto de holocaustos de carneiros e da gordura de novilhos gordos. Não tenho prazer no sangue de touros, de cordeiros e de bodes. Quem lhes pediu que fizesses esse alvoroço por meus pátios quando vêm me adorar? Parem de trazer ofertas inúteis; o incenso que oferecem me dá náusea! Suas festas de lua nova, seus sábados e seus dias especiais de jejum são pecaminosos e falsos; não aguento mais suas reuniões solenes! Odeio suas festas de lua nova e celebrações anuais; são um peso para mim, não as suporto! Não olharei para vocês quando levantarem as mãos para orar; ainda que ofereçam muitas orações, não os ouvirei, pois suas mãos estão cobertas de sangue. Lavem-se e limpem-se! Removam seus pecados de minha vista e parem de fazer o mal." (Isaías 1.11-16 – Nova Versão Transformadora)

Ainda que aos olhos das pessoas, sejamos perfeitos, diante do nosso Deus somos “embalagens” sem conteúdo. Enquanto as nossas intenções estiverem voltadas para aquilo que é secundário, a presença dAquele que é essencial estará ausente em nossas vidas e em nossos ajuntamentos solenes. Nos dias atuais, há muita noiva (igreja) celebrando festas e mais festas nupciais sem a presença do Noivo (Cristo).

Muitas igrejas estão cheias de gente do lado de dentro. Mas, ao mesmo tempo, estão com a pessoa do noivo Jesus Cristo do lado de fora. Celebram festas em nome de um convidado que está ausente. Há a celebração da vitória com a ausência do Vitorioso. É por isso que ainda hoje o Senhor

Jesus Cristo permanece diante da porta de muitas igrejas, ditas cristãs, declarando: "*Preste atenção! Estou à porta e bato. Se você ouvir minha voz e abrir a porta, entrarei e, juntos, faremos uma refeição, como amigos*" (Apocalipse 3.20 – Nova Versão Transformadora).

Pessoas têm espaço para tudo: a si mesmos em primeiro lugar, aos amigos, aos familiares, aos prazeres deste mundo, ao lazer, as diversões, ao dinheiro, ao trabalho, aos estudos, à religião, ao pecado, enfim, a tudo, menos ao Salvador. Muitos ainda fecham suas vidas ao Senhor ou, no máximo, dão a Ele, um canto esquecido em suas vidas, e isso é triste, muito triste. Não faça como o povo de Belém, de Israel ou do Brasil e do mundo, dê lugar a Jesus, abra sua casa para Jesus, abra sua vida para Jesus. Tire outras coisas, tire outras pessoas, mas tenha lugar para Jesus.

Temo que tenhamos perdido a essência e, em função disso, o Cristianismo tenha se reduzido à uma religião, a Igreja à um lugar, o Culto em um simples evento e a Santidade em um mero comportamento. Precisamos nos lembrar de onde caímos, nos arrependermos e voltarmos às obras que praticávamos no princípio (cf. Apocalipse 2.5). O principal precisa voltar ao seu lugar. Jesus está perto de nós e precisamos perceber Sua presença. A percepção da presença divina é indispensável para a santificação de nossas vidas. Que haja lugar para Jesus, o primeiro lugar!

Soli Deo Gloria.